

Antes de expor o material colhido para a organização desta história de vida, é necessário explicar como o apresentarei. A primeira parte consistirá em um depoimento sobre os "Movimentos Sociais no Meio Negro"; a segunda, na história de vida propriamente dita, e a terceira, em alguns fatos conhecidos através do entrevistado, os quais refletem suas atitudes em relação ao branco e ao negro.

Esta disposição explica-se pelo tipo de ajustamento desenvolvido entre pesquisado e pesquisador. De fato, desde as primeiras entrevistas precisei usar lapis e papel para anotações, pois percebi ser essa uma expectativa do entrevistado. Colhi, dessa forma, alguns fatos de sua vida; logo, entretanto, a narração desviou-se para a história dos movimentos sociais no meio negro ("não vejo em que minha vida possa interessar... isto sim."). Com o correr das entrevistas, pude voltar várias vezes à sua história de vida, mas agora em condições mais favoráveis, que permitiam uma certa espontaneidade do entrevistado - produto do desenvolvimento de uma relação de caráter simpático. As referências sobre sua vida apareciam ocasionalmente, não como parte das informações e do depoimento, mas como considerações à margem dos assuntos tratados. Assim, para não constrangê-lo, não anotei em sua presença, nenhuma das informações sobre sua experiência pessoal; pude, no entanto, completar aqueles dados iniciais e organizar a história de vida. A terceira parte tem uma gênese completamente diferente: são fatos e observações obtidos nas mais diversas situações, principalmente nas

vezes em que a conversa se desviava para temas gerais, e também em outras ocasiões, em que a relação não era mais a de pesquisado e pesquisador.

I

Quando procurei J.C.L. e comecei a explicar, a seu pedido, quais os dados que me interessavam, falando inicialmente da necessidade de conhecer a vida familiar, disse-me abrupta e violentamente: "Não tive vida familiar. Nasci em 1901. Minha mãe era mulata, alta e bonita, dêsse tipo muito sequestrado. Meu pai, branco, de família importante, deputado e senador da república velha. Tenho uma irmã, filha de turco."(Ouvi duas outras vezes essas palavras cruas, ditas com a mesma violência. Uma delas, lembro-me bem, foi quando se discutia, numa roda, as relações sexuais entre brancos e negras. No desenvolvimento da conversa, a aquêle fato foi encaixado, em apoio de sua posição, de quem só via "safadeza" por parte dos brancos, nesta questão.) Logo depois, acalmando-se, contou-me que sua mãe era de Pinda ou Caçapava, e que havia falecido, desequilibrada, na Santa Casa. Seu pai, só conhecera aos 21 anos. Sua mãe não gostava de falar dele e durante muito tempo soube apenas que era branco e, desde os 19 anos mais ou menos, que pertencia a família importante. Acha que foi abandonado pelo pai, por sua mãe ser negra.

Contou, ainda nesta primeira entrevista, que passara, com 10 anos, a viver em casa de uma família italiana, onde tinha a condição de empregado. Tendo a conversa tomado nova direção -movimentos sociais no meio negro- não fiz nenhuma tenta-

